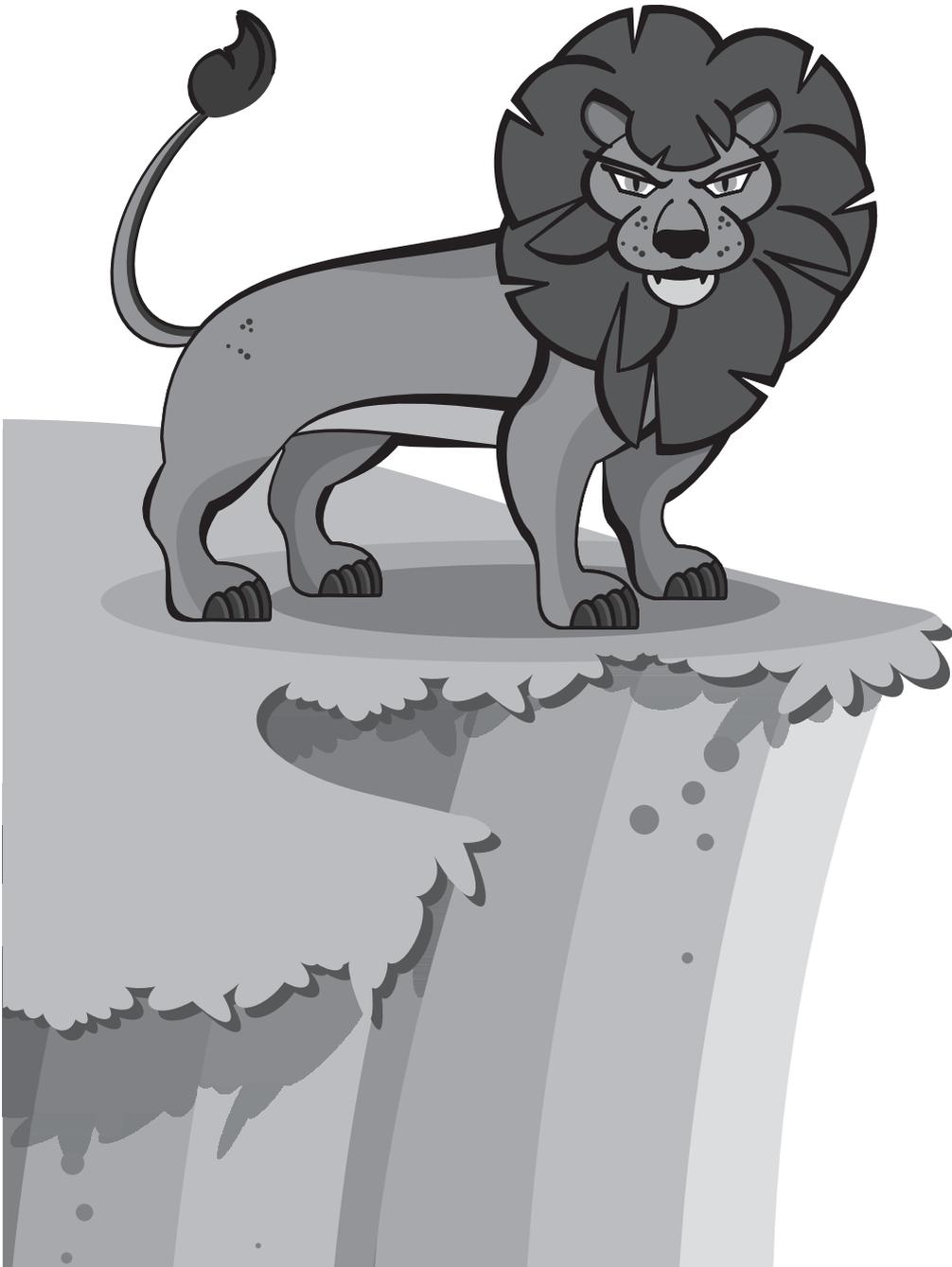


ALTIVEZ



Ativez

(ê). [De *altivo* + -ez.]

Substantivo feminino.

1. Qualidade de altivo (2); nobreza, elevação, brio.
2. Qualidade de altivo (3); arrogância, orgulho, amor-próprio.

Altivo

[De *alto*² + -ivo.]

Adjetivo.

1. Elevado, alto.
2. Nobre, elevado, brioso, digno, ilustre.
3. Arrogante, orgulhoso, presunçoso.

Palácios suntuosos e choças misérrimas diferem na paisagem arquitetônica, igualando-se frequentemente nas estruturas daqueles que os habitam.

(*Convites da Vida*, cap. 4, de Joanna de Ângelis, psicografia de Divaldo P. Franco).

A floresta estava calma como sempre. Os passarinhos cantavam doces melodias, alguns animais acordavam com o amanhecer do dia, enquanto outros se preparavam para o descanso, depois de uma noite de vigília. A grande árvore abrigava-os, em todo o seu esplendor. Toda essa tranquilidade, porém, foi perturbada com a chegada da águia. Ela voava rapidamente, sem prestar atenção na bela natureza ao seu redor, indo direto aos aposentos do rei leão. Tinha uma notícia importantíssima para revelar: graças aos seus olhos extremamente aguçados, tinha podido ver, um pouco distante dali, uma leva de cupins a caminho, capaz de destruir a grande árvore, e acabar, assim, com a harmonia da floresta.

O leão, porém, não aceitou recebê-la, afirmando que não falaria com uma simples águia, afinal de contas não existia nada que ela pudesse dizer-lhe que ele ainda não soubesse. Além do que, o rei dos animais apenas se dirigia a mamíferos.

A águia, então, aflita com a perda de tempo e com a urgência de sua mensagem, resolveu atender à exigência do rei e pediu ao macaco para ir falar-lhe. Mais uma vez, o leão se opôs, censurando-o por não ter marcado hora, antecipadamente.

O tempo passou com várias outras tentativas infrutíferas de avisar o rei do terrível acontecimento. Até que, finalmente, chegaram os cupins e derrubaram a grande árvore com todas as moradias nela construídas. O leão, percebendo, então, a que se referia a águia, justificou-se:

— Isso aconteceu devido à incompetência da águia, que não foi capaz de me convencer da iminência do problema.

No início da narrativa do livro “*Orgulho e Preconceito*”, de Jane Austen, o personagem, Sr. Darcy, chega à cidade onde morava Elizabeth Bennet, que o vê, pela primeira vez, num baile. A forma como o jovem entrou no grande salão onde acontecia a festa, chamou a atenção de todos, em especial de Elizabeth, tanto pelo fato dele possuir *traços formosos e porte desenvolvido*, quanto pelo modo altivo com que observava as pessoas. Era como se, pela arrogância de seu olhar, ele fosse capaz de expressar o incômodo que sentia por estar entre pessoas a quem julgava consideravelmente inferiores. Circulava pelo salão de maneira quase esnobe e, diante da sugestão do amigo para que convidasse alguma jovem para dançar, asseverou: “*Com gente como essa, isso ser-me-ia insuportável.*”

Por uma dessas “coincidências do destino”, Sr. Darcy acaba apaixonando-se por Elizabeth e, depois de muito relutar, em virtude da diferença social que existia entre eles, declara seu amor, dizendo que o sentimento que nutria por ela era tão forte que o fez superar tal embaraço. Elizabeth sentiu-se ofendida com tanto orgulho e reprovou sua conduta. Sr. Darcy, então, justificando sua postura, defende-se: “*Acaso esperava que me felicitasse pela inferioridade dos seus parentes? Ou que me alegrasse com a esperança de me relacionar com pessoas de condição tão decididamente inferior à minha?*”

O romance se passa na aristocrática Inglaterra do século XIX. Quase duzentos anos depois, diversas são as mudanças e conquistas quanto à igualdade social, principalmente no que se refere às convenções sociais. Porém, no que concerne ao espírito humano, a altivez ainda encontra largo espaço nos comportamentos e atitudes. Em qualquer ambiente é possível verificar-se pessoas que se consideram “especiais”, no sentido de estarem muito além das demais, em virtude da posição que ocupam ou de alguma habilidade que tenham desenvolvido. Nem precisam de palavras para exprimir sua visão acerca da drástica diferença que julgam existir entre si próprias e todo o universo restante. Seu modo de olhar os semelhantes, com queixo erguido, poupa-lhes maiores explicações.

É verdade que há pessoas que se destacam em sua área de atuação, por esforço próprio, ou por possuírem características natas que as tornam excepcionalmente talentosas. Merecem o respeito pelas conquistas e a consideração e valorização de seus dotes, mas tudo isso pode acontecer sem que seja necessária uma postura esnobe perante os menos afortunados. Nem todos, entretanto, que se destacam no círculo social do qual fazem parte, adotam postura de altivez. Quantas histórias conhecemos de pessoas que contam sobre conhecidos seus que, de muito pobres financeiramente, tornaram-se, no decorrer da vida, milionários, permanecendo, porém, com os mesmos traços de personalidade, como a simplicidade e a modéstia?

Por outro lado, encontramos pessoas, cujo maior prazer é a ostentação dos títulos que possuem. Há aqueles casos nos quais o indivíduo altivo, diante de alguma situação que o leve a receber o mesmo tratamento de qualquer outra pessoa, apela para a “cena da carteira”, ou seja, exige regalias e prioridades, em virtude do cargo ou função que ocupa.

Observam-se, também, com bastante frequência, circunstâncias, nas quais, o portador da altivez se vê como personalidade acima das leis. Assim sendo, entende que as infrações pelas quais as pessoas normalmente ficam sujeitas às penalidades previstas pela legislação, não se lhes aplicam, simplesmente porque se sentem superiores ou porque possuem amigos influentes.

De qualquer forma, onde estiverem, os altivos contam com privilégios de que se julgam merecedores. Não se sentem “mais um”, mas se veem como únicos e excepcionais. Preferem *não se misturar*, conforme costumam afirmar. Mas o que significa *misturar*? Talvez seja um pouco tarde para essa escolha, afinal somos todos *misturados*, principalmente nós, os brasileiros, um dos povos mais miscigenados.

Pode ser que a *mistura* a que se refiram não seja a condição étnica, mas a social. Nesse caso, poderiam perguntar-se “porquê?”. Quais se-

riam os riscos de se aproximarem de alguém que possua menos recursos financeiros, além do fato de se depararem com a possibilidade de vencerem esse preconceito?

Atitudes de intolerância como essa, baseadas em opiniões mal formadas, somente são adotadas por mentes pequenas e conflituosas.

Ao travarmos contato com os *diferentes* de nós, seja porque venham de culturas diversas, possuam hábitos próprios ou defendam pensamentos divergentes, somente teremos oportunidades de nos enriquecer com os aprendizados que naturalmente teremos.

A altivez faz com que a pessoa sinta-se tão superior às demais que acaba acreditando, inclusive, que é praticamente perfeita e, por isso, tudo o que pensa, diz ou faz, por consequência, é também perfeito. Assim, o altivo acredita que não erra, porque quem é perfeito nunca se equivoca.

O leão da história era assim; não se misturava e não se equivocava. Era seletivo quanto aos seus relacionamentos e só lidava com os mamíferos, porque se julgava melhor do que outras classes. Colocava-se além das consequências de escolhas feitas, pois, segundo seu ponto de vista, não estava sujeito a erros. Ainda de acordo com sua visão dos fatos, quando um engano acontecia, não tinha necessidade de pedir desculpas, visto que o erro certamente não era seu...

Uma das maiores preocupações do leão era manter o título e o lugar que ocupava. Por isso, para se valorizar, não podia parecer disponível. Para um animal conseguir uma audiência com o rei, precisaria de muita perseverança. Talvez, se o leão se questionasse a respeito dessa atitude, verificaria que o medo de se expor e a necessidade de controlar tudo o que lhe acontecia, na verdade, nada mais eram do que expressões de sua insegurança, ou seja, receio de que descobrissem suas fragilidades. Gastava muita energia tentando manter as aparências e, com isso, acabava complicando sua vida e a de todos ao seu redor.

“As aparências enganam”, diz o brocardo popular. Poderíamos acrescentar que “a **preocupação** com as aparências complica a vida”.

Se soubéssemos valorizar a simplicidade e não julgássemos que complicação é sinônimo de sofisticação... É a inversão de valores perceptível em nossa sociedade que distorce a visão acerca do que é realmente verdadeiro e importante e o que apenas aparenta ser.

Nossa História descreve inúmeras pessoas, cuja altivez era traço principal de sua personalidade. Eram pessoas complicadas, excêntricas e que viviam insatisfeitas e infelizes, como o líder nazista, Adolph Hitler. Mas sabemos, por outro lado, que pessoas notáveis, responsáveis por grandes feitos e conquistas, que realmente se destacaram da massa popular, viveram de forma simples e foram felizes, como São Francisco de Assis. Vale ressaltar que, tanto um quanto outro marcou a vida de milhares de pessoas, porém de maneiras opostas.

Fazer da própria vida um teatro pode trazer inúmeras consequências negativas que afetam não somente a vida do *ator*, como também as de todos que com ele convivem. Quem vive tentando *vender* uma imagem complica a realidade, criando obstáculos e sofrimentos pelos quais não necessitaria passar.

Talvez o esforço para abaixar o queixo não seja tão grande e valha a pena o risco de tentar!



E em você, existe um leão altivo, que se considera muito nobre e elegante para se relacionar com os demais, perdendo grandes oportunidades de crescimento e prejudicando os outros por isso?